

FRAUDE NO SENADO

Fernando Henrique, ACM, Jader e Arruda lamentam atos do passado que deram origem à crise

Se arrependimento matasse...

CARMEN KOZAK

BRASÍLIA – Tudo o que o presidente Fernando Henrique Cardoso e os senadores Antonio Carlos Magalhães, Jader Barbalho e José Roberto Arruda mais desejam hoje é voltar no tempo. Pelo menos em um ano e um mês. Tomados por absoluto arrependimento, os quatro fariam tudo bem diferente. ACM suspenderia a ofensiva contra Jader. Jader não seria tão enfático no confronto com o baiano pelo salário mínimo e daria um jeito de não ser presidente do Senado. Arruda não seria tão servil. E FH não assistiria impassível a autofagia de aliados e a tentativa de alijamento do PFL da partilha do poder.

Lamentos e murmúrios dessa natureza recheiam as conversas de avaliação da crise que contamina a cena política. É momento de expiação. Uns, como FH e Jader, seguem a máxima popular. Sabem que *inês é morta* e não tratam do assunto em público. Outros, como ACM e Arruda, estão tão enrasca-

dos que não tiveram opção outra senão o *mea culpa*.

Nas conversas com ministros e articuladores políticos, Fernando Henrique tem contabilizado os prejuízos que deverá acumular na reta final de seu mandato. Está irritado com os rumos imprevisíveis da rixa entre ACM e Jader. Poderia não ter ultrapassado esta fronteira, imagina FH, caso não tivesse deixado correr solta a estratégia do PSDB e do PMDB de excluir o PFL dos comandos do Congresso.

Quase 50 anos de vida política não impediram o poderoso ACM de sucumbir ao ódio por Jader e cometer um erro monumental. Buscou parceria com procuradores, buscando munição para atingir o inimigo. Acabou construindo o próprio cadafalso.

“Me deixei levar pelo ódio, não tinha uma estratégia definida para atingir os objetivos”. ACM garante que não abandonaria a guerra contra Jader. Mas, segundo aliados, a teria conduzido com margem menor de exposição.



Os senadores Saturnino Braga, Ramez Tebet e Romeu Tuma (em pé) ouvem Arruda (D)

Jader também é puro arrependimento. A briga com ACM custa-lhe muito caro nos planos político, familiar e financeiro. Não se arrepende, contam aliados, de ter disputado a presidência do Senado. “ACM me tornou candidato e presidente. Eu não queria”, jura. Mas se pudesse, teria feito em tom um pouco diferente o discurso em que criticou a incoerência de ACM que defendia um salário mínimo de R\$ 180, no ano passado.

Defendeu os R\$ 151 do governo com ardor. Pretendia com isso credenciar o PMDB como parceiro preferencial do Planalto para a sucessão em 2002. ACM levou a briga política para o campo pessoal. “Estou pagando um preço muito alto”, lamenta.

Mas coube a Arruda uma inédita confissão de pública. Do plenário do Senado, assumiu que mentiu para seus colegas quando negou com idêntica eloquência qualquer participação na violação do painel de votação do Senado. Chorou e pediu perdão. Sem sucesso, até agora.